

A ARTICULAÇÃO DOS CURSOS DE LICENCIATURA COM OS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Simone Regina Manosso Cartaxo – PUC-PR

1. Introdução

O presente estudo tem como foco de pesquisa a interlocução dos cursos de licenciaturas, com os anos iniciais da educação básica. Parte do pressuposto de que o ensino tem sido marcado por rupturas que geram descontinuidades, desconfortos, desistências, reprovações (ARCE; MARTINS, 2007; PRATI; EIZIRIK, 2006; NEVES et al, 2011, SANTOS; VIEIRA, 2006) tornando-se necessárias novas políticas, revisão dos projetos pedagógicos das escolas e dos cursos de formação de professores.

A escolha deste objeto de pesquisa originou-se da nossa prática docente ao acompanhar a transição das crianças que chegavam dos centros de educação infantil na escola, dos estudantes que ingressavam na 5ª série/ 6º ano e ao planejar com professores especialistas das diferentes áreas do conhecimento que trabalhavam na formação dos professores dos anos iniciais. Essas práticas foram marcadas por inquietações constantes e nos desafiaram a compreender o processo de ensino numa perspectiva de totalidade e superação das rupturas existentes entre os diferentes níveis de ensino, bem como pensar a formação do professor para a docência na educação básica.

Ainda que algumas licenciaturas como Pedagogia, Artes e Educação Física, por exemplo, realizem uma formação para atender estudantes desde a Educação Infantil, grande parte das licenciaturas direcionam a formação do professor para o atendimento dos estudantes a partir do 6º ano do ensino fundamental. Ao mesmo tempo há uma demanda crescente de professores de áreas específicas para atuarem nos anos iniciais da Educação Básica. Assim sendo, definimos como objetivo desta pesquisa analisar a articulação dos cursos de licenciaturas, com os anos iniciais da Educação Básica tendo em vista fornecer subsídios para o campo da formação de professores que atenda essa demanda.

Para tanto procuramos identificar cursos de licenciatura das várias áreas do conhecimento e professores que propõem uma aproximação com os anos iniciais da Educação Básica em suas propostas de formação. Também

buscamos analisar o percurso de formação e experiência docente dos professores formadores e como esses professores concebem a articulação das licenciaturas com os anos iniciais da escola básica.

Isso porque a autonomia de estruturação dos currículos pelas próprias instituições de ensino, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, possibilita outras formas de organização que podem romper com o modelo disciplinar ou com a seriação, por exemplo. No entanto, as licenciaturas na sua organização curricular, tendem a atender aos apelos do engessamento fundado na disputa entre as disciplinas específicas e as disciplinas pedagógicas. É lento o avanço para fortalecer a identidade como licenciatura e assumir o papel na docência e na articulação com a escola básica como um todo. Ou seja, na medida em que a educação básica abrange a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, a formação dos professores pode ser repensada nesta dimensão. É um caminho necessário para enfraquecer a fragmentação do ensino tão presente nas instituições educativas e caminhar para a construção de uma licenciatura mais articulada com os anos iniciais da escola básica.

Ao identificar cursos de licenciaturas que caminham para a articulação com os anos iniciais da Educação Básica buscamos a análise de como esta articulação está acontecendo. Neste caminho tomamos como referência Castoriadis (1985) que irá dizer que os germes da mudança são exteriores ao próprio processo de trabalho e que resultam das relações sociais antagônicas às relações capitalistas. Desta forma Santos (1992) ao concordar com Castoriadis explica que no interior das instituições de ensino existem relações sociais capitalistas determinando um trabalho de cunho capitalista, mas também existem, ao mesmo tempo, relações sociais anticapitalistas. Enquanto que as relações sociais de cunho capitalistas são marcadas pelas relações individualistas, competitivas e hierarquizadas, as relações sociais anticapitalistas são coletivas e solidárias. Serão nessas relações anticapitalistas, afirma Santos junto com Bernardo (1992), que irão existir, ainda que de forma embrionária, as relações sociais de *tipo novo* decorrentes da prática de luta dos trabalhadores.

Para encaminhar nossas reflexões apresentamos inicialmente o percurso metodológico do estudo. Em seguida o que dizem os documentos (ementas,

referências bibliográficas dos planos de ensino e nos projetos pedagógicos) e o que dizem os professores a respeito da articulação das licenciaturas com os anos iniciais da Educação Básica. Para finalizar, a guisa de conclusão, apresentamos as considerações finais.

2. Percurso metodológico

Esta pesquisa desenvolveu-se a partir de uma abordagem qualitativa na modalidade estudo de caso coletivo com a busca de vários casos individuais entendendo que seu estudo permite a compreensão sobre um conjunto maior de casos (ALVES-MAZZOTTI, 2006).

Neste caso, para analisar a interlocução dos cursos de licenciaturas, com os anos iniciais da educação básica tomamos como unidade de análise cursos de licenciatura de universidades brasileiras que apresentaram alguma forma de articulação da formação do professor com a educação básica desde os anos iniciais.

Realizamos dois estudos exploratórios que possibilitaram o desenvolvimento da pesquisa. O primeiro estudo foi realizado junto ao grupo de pesquisa que tem focalizado a formação dos professores nas licenciaturas. Neste grupo foi possível fazer um breve levantamento, por meio de entrevistas, sobre como os professores das diversas licenciaturas concebiam a formação dos professores para os anos iniciais na sua área de conhecimento encontrando, entre os sujeitos, aqueles que negam, os que concordam com a possibilidade e aqueles que já realizam um movimento neste sentido.

O segundo estudo exploratório foi realizado com a consulta dos sites dos cursos de licenciatura das universidades públicas do Brasil buscando os projetos pedagógicos e as ementas. Consultamos 1.177 cursos de licenciatura dentre os quais 132 projetos pedagógicos foram salvos em arquivo próprio para leitura e análise posterior.

A leitura dos projetos pedagógicos e ementas disponíveis foi realizada com o auxílio da ferramenta de busca de palavras-chave. Segundo Williams (2007) palavras-chave é uma denominação para um conjunto de palavras selecionadas pela relação entre si, pelos significados vinculados em sua interpretação e em seu contexto; palavras que envolvem ideias e valores e que

desenvolvem significados sem seus contextos compreendidos pelas evidências históricas. Para este estudo as palavras-chave definidas foram: *alfabetização, letramento, anos iniciais, séries iniciais, educação infantil, criança, infância, ensino fundamental, escola básica, 1ª a 4ª série. 1º ao 5º ano*. Estas palavras foram coletadas em documentos, na oralidade em situações do cotidiano, na observação da prática pedagógica e em encontros de formação de professores.

A análise dos documentos foi realizada após o arquivo documental ter sido concluído no estudo exploratório. A busca pelas palavras-chave possibilitou fazer uma leitura inicial e apontou alguns caminhos para construir, na sequência, as entrevistas com professores dos cursos de licenciatura.

Como resultado deste estudo exploratório chegamos a 7 universidades localizadas nas regiões sul, sudeste e nordeste do Brasil que contemplavam, inicialmente, nos documentos consultados, evidências de articulação das licenciaturas com os anos iniciais do ensino fundamental. Após essa delimitação fizemos 12 entrevistas semiestruturadas (TRIVIÑOS, 2007 p.146) com professores dos cursos de licenciatura em Geografia, Letras e Matemática.

3. O que dizem os documentos

As evidências iniciais sobre a articulação dos cursos de licenciatura com os anos iniciais da educação básica foram localizadas em algumas ementas, referências bibliográficas dos planos de ensino e nos projetos pedagógicos.

No curso de Geografia da Universidade 1, por exemplo, localizamos, na ementa da disciplina *de Análise de Documentos Cartográficos* e uma referência bibliográfica relacionada aos anos iniciais da Educação Básica.

TELMO, I. C. A criança e a representação do espaço: um estudo do desenvolvimento da representação da terceira dimensão nos desenhos de casas feitos por crianças dos 7 aos 12 anos. Lisboa, Livros Horizonte. 1986. Biblioteca do Educador Profissional, 99. (DOCUMENTO 1-Universidade 1)

Nesta mesma universidade a disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia contempla a observação participante na educação infantil.

Na Universidade 2, na disciplina de Estágio Supervisionado, localizamos dois objetivos que se articulam diretamente aos anos iniciais da educação básica:

Analisar as principais diretrizes teórico-metodológicas e conteúdos programáticos que norteiam o ensino-aprendizagem de Geografia na Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental, bem como o cotidiano escolar nestas séries;

Diagnosticar a realidade escolar da Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental e sua importância para a construção da cidadania. (DOCUMENTO 2-Universidade 2)

Ainda, na descrição do programa da disciplina encontramos referência às *principais diretrizes teórico-metodológicas e conteúdos programáticos que norteiam o ensino aprendizagem de Geografia na Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental; O cotidiano escolar na Educação infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental* (DOCUMENTO 2-Universidade 2)

Na Universidade 5, nos programas de ensino do curso de Letras, os termos *alfabetização* e *criança* são contemplados em vários momentos como nas disciplinas relacionadas à aquisição da língua oral e escrita pela criança e nas referências citando autores de referência para a alfabetização como Ferreiro, Massini-Cagliari, Lemos, Scliar-Cabral.

O curso de Matemática, na Universidade 6, foi localizado pelo projeto pedagógico, datado de 2005, que em diferentes momentos apresentava algum indício de relação da licenciatura em Matemática com os anos iniciais da educação básica. Na disciplina de Prática de Ensino é proposto o estudo no campo teórico do *currículo bem como a organização curricular de matemática para a Educação Infantil, ensino Fundamental e Ensino Médio*. A disciplina de Conteúdos e Metodologia do Ensino de Matemática tem como objetivo estudar conceitos básicos de Matemática que são ensinados na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental bem como os principais recursos didáticos disponíveis ao ensino desses.

Considerando a importância dos documentos coletados buscamos estabelecer uma “conversa” com os documentos a fim de construir o roteiro das entrevistas e extrair narrativas que pudessem contribuir para a pesquisa. As entrevistas, por sua vez, trouxeram mais informações para enriquecer a análise documental.

Na sequência apresentamos a articulação das licenciaturas com os anos iniciais da educação básica com análise do percurso da formação docente e a concepção dos professores das licenciaturas sobre a educação básica. Decorrente desta análise identificamos um campo de resistência onde estão sendo gestadas novas formas de organização, a experiência dos formadores como determinante para a articulação com os anos iniciais da educação básica e a concepção de totalidade da educação básica.

4. O que dizem os professores:

As propostas desenvolvidas por professores formadores que buscam a articulação da licenciatura de áreas de conhecimento específico, possibilitou levantar categorias de análise tendo em vista os objetivos deste estudo, a saber: as resistências, a experiência e a visão de totalidade da escola básica.

4.1- As resistências

Na busca de realizar a interlocução das licenciaturas com os anos iniciais da educação básica os professores das universidades investigadas, encontraram algumas formas de resistências: na legislação, na escola, nos licenciandos e na própria universidade.

Sobre o campo da resistência retomamos Castoriadis (1985) com a defesa de que existem movimentos de mudança no interior das relações sociais de cunho capitalista sobre as quais Santos (1992) e Bernardo (1992) vão complementar explicando que decorrentes dessas relações dos professores surgem relações sociais de tipo novo”.

Podemos observar que no campo das resistências os atores têm o espaço para exercer suas práticas que são gestadas em função das necessidades do contexto. São os germes da mudança que resultam das relações sociais antagônicas às relações capitalistas. Os professores formadores vivenciam resistências que os levam a criar novas formas de organização (relações sociais de *tipo novo*), ou seja, a ação prática material e social é determinada pelos problemas postos pela prática.

No que se refere à resistência na legislação, os professores se referem a normas legais que orientam a organização dos cursos de licenciatura determinando, por exemplo, o nível de atuação dos licenciados. No entanto, mostram ao mesmo tempo, que essas determinações parecem não atender a demandas que são produzidas socialmente levando a pensar em outras formas de organização para a formação do professor.

Para o Professor João, o trabalho que ele realiza inserindo os estudantes da licenciatura em Geografia na Educação Infantil é viabilizado por condições particulares. O contexto em que eles trabalham permite esta inserção. Nas palavras do professor:

*Agora, isso é claro que tem uma particularidade [...], que é da própria [nome da universidade], que é o fato da gente ter também uma creche dentro da universidade, que é uma creche que atende crianças de 1 ano e meio até 6 anos, e depois tem o colégio universitário! Eu falo **que é muito particular** porque eu sou um dos coordenadores da creche, tá certo? E isso me possibilita que os alunos façam visitas, atuem diretamente nos trabalhos da creche já que eu dou assessoria nos trabalhos da creche também ligada ao trabalho com a geografia, entendeu? Assim, **é uma particularidade que eu to te falando por eu estar láe estar no curso!** (Professor João).*

Dizer que a “a Geografia escolar não é uma Geografia que começa hoje no 6º ano” indica uma restrição difundida pela legislação que prioriza a atuação do licenciado da área na segunda fase do ensino fundamental. A particularidade salientada pelo Professor João expressa uma forma de organização de *tipo novo* como apontava Santos (1992). Da mesma forma o Professor Cesar se refere a uma particularidade da cidade onde a universidade está, pois, embora a legislação determine a especificidade da atuação dos

licenciados existe uma demanda das escolas que buscam licenciados de áreas específicas para atuar nos anos iniciais. Ele explica:

Bom, o que temos claramente é uma portaria, como se chama... Conselho Estadual de Educação e por ser estadual é do Estado de [nome do estado], atribui as seguintes responsabilidades: para o ensino fundamental, de 1º ao 5º ano, quem deveria formar os professores são os cursos de Pedagogia. As licenciaturas deveriam formar os professores do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e para os três anos do ensino médio. Contudo [...] algumas escolas da região de [nome da cidade] acabam contratando professores licenciados em Matemática para dar aulas de Matemática nas primeiras séries do ensino fundamental. (Professor Cesar)

Já o Professor Caio, salienta que são determinações sociais que possibilitam a atuação do licenciado em Letras atuar com os anos iniciais. Assim ele se expressa:

Entendo. A gente até acaba vendo na prática muitas redes de ensino colocando pessoal graduado em letras trabalhando lá no primeiro, segundo ano, alfabetizando, muitas vezes até por falta de professor, não é? Enfim, são contingências (Professor Caio).

Talvez a legislação não seja a única a determinar regras que se sedimentam em ideias que parecem ser inquestionáveis, mas nesta pesquisa ela acaba influenciando as atitudes de profissionais da educação. Mesmo não sendo dito, ouve-se ao fundo a mesma toada sobre o campo de atuação do licenciado nas diversas áreas de formação. O Professor Paulo exemplifica como ele é questionado pela direção de uma escola que procurou para a realização do estágio dos alunos da licenciatura em Geografia. Nas palavras do professor:

A pergunta mais comum que recebo: “não é da Pedagogia, é de Geografia?” E digo, sim é da Geografia! E eles continuam na dúvida: Geografia nas séries iniciais? Então, chego à conclusão que há uma resistência! (Professor Paulo)

Da mesma forma que a resistência foi identificada na escola que atende os anos iniciais da educação básica, os professores registram uma forma de resistência entre os estudantes de licenciatura. Ele comenta:

Como obstáculo, percebo a resistência, tanto da escola quanto dos alunos acadêmicos ao pensar que somente os alunos do Curso de Pedagogia devem estagiar ou trabalhar nos anos iniciais. Da escola por achar que é da área do Curso de Pedagogia. Esclarecendo melhor, por parte dos acadêmicos, as vezes, por não gostar de crianças; ou considerarem muito trabalhoso em lidar com alunos dos anos iniciais; e como consequência escolhem os anos finais do ensino fundamental para trabalhar. (Professor Paulo)

Por seu turno, na universidade a resistência é constituída entre os próprios cursos de uma mesma instituição. Os professores entrevistados mostram certo desconforto ao tratar deste tema com outros cursos de licenciatura. Nas palavras do professor Mateus:

Eu sempre fico com receio da discussão com a Pedagogia, preocupação com os limites ali. Eu digo que ele pode sim contribuir com a alfabetização, com o conhecimento de mundo, de maneira ampla, mas em conjunto (Professor Mateus).

Os professores apontaram formas de resistência com as quais convivem nos cursos de licenciatura levando-os a buscar alternativas como ampliar oferta de cursos de extensão, criar novas disciplinas para o curso de licenciatura, propor debates envolvendo diferentes áreas e professores do departamento.

Não há prioridade de investimentos para as licenciaturas (FREITAS, 2005) e as políticas existentes são de caráter compensatório para atender à demanda desenfreada de formação de professores em massa, com custos reduzidos e com comprometimento da qualidade de formação. Nestas condições os cursos de licenciatura já existentes também se encontram num contexto de resistência cujas ações são gestadas nas próprias condições de trabalho sendo que delas emergem novas possibilidades de organizações coletivas.

4.2 A experiência

A defesa da experiência humana tomada por Thompson (2009) parte do pressuposto de que homens e mulheres são sujeitos que vivenciam experiências e pensam sobre elas. O autor explica que as pessoas pensam e elaboram sobre as experiências na sua complexidade, dentro de suas consciências e em seguida agem em situações determinadas. Nesta perspectiva Thompson não reduz a experiência ao senso comum, como muitos intelectuais, mas como possível de ser elaborada na forma de conhecimento. Ele define que toda a base teórica deve ser apreendida na prática do agir humano e na medida do diálogo entre teoria e evidência

Para Martins (1996, p. 87) a teoria vai expressar a ação prática dos sujeitos rompendo com a ideia de que a teoria guia a prática assim como Bernardo (1992, p. 395) que defende a ideia de que a ação é anterior à consciência. Neste mesmo sentido Bruno (1989, p. 12) explica que não agimos porque pensamos mas porque somos seres em ação e que esta não é decorrente de uma escolha apriorística mas sim de determinações sociais que nos incluem e nos ultrapassam exatamente porque a ação não é individual mas sempre social.

E foi considerando este olhar sobre a experiência que analisamos como as interlocuções foram se estabelecendo no discurso dos entrevistados apontando para a necessidade de compreender, de forma mais aprofundada, o sentido da experiência para os professores das licenciaturas investigadas.

Os professores mantiveram um discurso constante de aproximação entre a sua prática no curso de licenciatura com os anos iniciais por meio de diferentes experiências vividas ao longo da sua vida. A análise dos diferentes discursos possibilitou levantar algumas evidências que foram sintetizadas nas seguintes experiências realizadas pelos professores: participar de projetos desenvolvidos com os anos iniciais da educação básica durante a graduação sob orientação de um professor tutor; participar da elaboração de propostas pedagógicas para os anos iniciais da escola básica; produzir materiais didáticos para os anos iniciais junto com professores da universidade; lecionar para estudantes do 6º ano (período de transição entre o primeiro e segundo segmento do ensino fundamental); participar de grupos de trabalho envolvendo professores do primeiro nível do ensino fundamental; participar de eventos e

movimentos da área que realizam debates envolvendo a escola básica; participar de grupos de pesquisa que desenvolvem estudos relacionados aos anos iniciais da educação básica;

O período de formação acadêmica dos professores formadores teve destaque pelas oportunidades que surgiram. Para os Professores Paulo e João o período em que cursaram a licenciatura foi determinante para a sua atual relação com os anos iniciais do ensino fundamental. Ambos relataram que houve um professor referência no curso de licenciatura responsável pela inserção do licenciando de Geografia como trabalho pedagógico dos anos iniciais da Educação Básica. Assim eles se expressam:

E a universidade possui um colégio de aplicação [...] Eu como monitor participei muito ativamente da proposta curricular de Geografia do colégio, tá certo? Porque eu como monitor, a professora de certa forma me inseriu neste trabalho. Foi nesse momento que eu comecei a ter um contato mais estreito, coisa que não é muito comum, não é? Com o trabalho que se desenvolve de 1ª a 4ª série [...] e com crianças menores [...] (Professor João).

[...] tive oportunidade de discutir com a professora da disciplina a reforma curricular proposta para as séries iniciais [...]. Esse dado é importante porque a professora de Prática de Ensino I estava envolvida com a formulação da proposta Curricular para as séries iniciais da Secretaria. Então, tive a oportunidade de conhecer, como aluno, muitas dessas discussões, no caso das séries iniciais (Professor Paulo).

O papel do professor formador foi determinante para o desenvolvimento profissional dos professores Paulo e João. Sobre isso Goodson (2007), ao tratar da história de vida dos professores e seu desenvolvimento profissional, aponta uma característica comum do ambiente sociocultural presente nas narrativas dos professores a respeito do professor referência, pois eles servem de “modelo funcional” e influenciam uma visão subsequente do ensino.

A experiência desses professores compreende uma resposta mental e emocional que os leva a refletir sobre o seu viver. Ao pensarem sobre suas

experiências, na sua complexidade, os professores agem sobre outras situações uma vez que se tornaram válidas e efetivas (THOMPSON, 2009, p. 15).

É de conhecimento que os cursos de licenciatura nas diferentes áreas (com as exceções da Pedagogia, Educação Física e Artes) não privilegiam a docência com estudantes dos anos iniciais da educação básica. No entanto, quando os Professores da Universidade 2 narram aspectos da sua prática, que somadas às ideias já defendidas por seus colegas de curso e os transforma em realidade na medida em que projeto pedagógico contempla o estágio com a educação infantil e anos iniciais, identificamos esta nova forma de organização do curso que se origina na problematização da prática pedagógica dos professores envolvidos no processo.

Sobre isso Martins (1998) irá afirmar que a transformação social resulta de um processo construído na e através da luta dos professores, momentos em que aparecem as contradições da prática que levarão à construção de novas teorias que expressam a ação prática dos sujeitos rompendo com a ideia de que a teoria guia a prática. Este é considerado um modelo aberto de construção de novas práticas que, segundo Martins (1998, p. 166) compreende a realidade, a ação sobre a realidade e o pensamento decorrente dessa ação prática que, por sua vez irá expressar uma teoria que poderá indicar alguns caminhos para novas práticas sem, contudo, exercer o papel de guia da prática.

Outra experiência destacada pelos professores diz respeito à atuação nos grupos de pesquisa. Dentre as universidades investigadas identificamos algumas cujos professores das licenciaturas narraram suas experiências nos grupos de pesquisa nas áreas de Geografia, Letras e Matemática. É o caso vivenciado pelo Professor João que coordena um grupo de pesquisa e tem alunos da graduação envolvidos. Ele relata:

A gente faz um trabalho diretamente com as escolas, com a educação infantil certo? E aí com todos os segmentos e envolvendo os alunos. [...]. Inclusive os alunos têm bolsa, até antes deste projeto institucional do governo [...] E aí eles se ligam às pesquisas, aos laboratórios de geografia e desenvolvem pesquisas a partir disso. E os que se ligavam, ligados aos

interesses deles, os que se ligavam a mim, se ligavam muito ao ensino da geografia na educação infantil e o início da educação básica. (Professor João)

O Professor Cesar, que atua como coordenador do curso de Matemática relata que alguns professores do curso desenvolvem pesquisas relacionadas à Matemática nos anos iniciais que os levou, inclusive, a participar de um trabalho de âmbito nacional na formação de professores incluindo a participação dos licenciandos no projeto. Nas palavras do professor:

[...] Temos professores que desenvolvem projetos inclusive no âmbito do MEC direcionado para a Matemática no ensino das séries iniciais [...]. um projeto que se chama Pró- letramento e uma das atribuições desse projeto é elaborar textos didáticos de matemática para o ensino nas primeiras séries do ensino fundamental. [...] naturalmente eles atraem um número dos alunos do curso de Matemática que desenvolvem trabalhos junto com os projetos (Professor Cesar)

O Professor Fernando é pesquisador na área de fonética e fonologia procura estabelecer uma relação com a aprendizagem das crianças nos anos iniciais embora não seja a tônica do curso. A iniciação à pesquisa científica é estimulada pelo Professor Fernando já na graduação de forma que possam dar continuidade posteriormente. Ele explica:

...Todo ano a gente tem a semana acadêmica do curso de Letras e os alunos que fazem esse trabalho final comigo (todos têm que fazer...) Têm trabalhos que ficam muito bons. [...] A gente abre pra que eles possam publicar no caderno de resumos. É um incentivo pra que eles continuem trabalhando na área. (Professor Fernando)

O Professor Marcos atua na licenciatura e também na pós-graduação. Sua experiência com a pesquisa tem momentos marcantes derivada de sua formação acadêmica e também da relação com a escola. Na formação acadêmica orienta alguns estudantes nas pesquisas direcionadas à alfabetização. Segundo ele:

[...] os alunos tem que fazer um relatório sobre questões linguísticas de escola, e sempre aparece uma meia dúzia de alunos que vão fazer sobre alfabetização, porque inclusive eles têm aula da questão da linguagem oral e escrita e eles acham que juntam uma coisa com a outra, projetos de iniciação científica naquela área, [...] mas vamos dizer que a gente prepara um bom contingente de alunos dentro da concepção linguística de estudos da linguagem voltados para questões da escola, sobretudo da alfabetização [...] (Professor Marcos)

O princípio da indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão na universidade, muito embora deva fazer parte dos cursos de graduação, ainda tem sido mais desenvolvido na pós-graduação. Um quadro diferente tem se configurado na medida em que programas de iniciação científica passaram a ser mais efetivos na graduação. As experiências relatadas pelos professores sobre as pesquisas desenvolvidas na universidade indicam como as relações com a educação básica vão se constituindo e oportunizando aos estudantes da graduação a experiência com o trabalho docente nos anos iniciais.

4.3 A concepção da escola básica: a visão de totalidade

A transição de um nível de ensino para outro, na educação básica, tem sido caracterizado por tensões. Um dos exemplos mais recentes das tensões foi vivenciado com a promulgação da Lei federal 11.274/2006, em que o ensino fundamental no Brasil passa a ter a duração de 9 anos, com a inclusão das crianças de 6 anos de idade. Um embate travou-se até que se definiram parâmetros para a passagem de um segmento a outro. A nova legislação deliberou que a criança, a partir dos seis anos ingressa no primeiro ano do ensino fundamental de nove anos (até então esta criança frequentava a educação infantil). Neste contexto algumas pesquisas foram desenvolvidas para analisar como se deu esta passagem e identificaram grandes rupturas.

Outro momento de ruptura tem sido observado constantemente no próprio ensino fundamental com a passagem do quinto para o sexto ano (antiga passagem da 4ª para a quinta série). Pesquisas sobre a passagem de um segmento para outro têm sido recorrentes e enfocam diferentes vieses de análise. Dentre eles encontram-se: a percepção de alunos, pais e professores

sobre a transição; a transição do aluno; o fracasso escolar que se instaura no 6º ano; a transição da unidocência para a pluridocência; as rupturas nos processos pedagógicos e curriculares; a transição do sistema municipal para o estadual; e a transição da infância para a adolescência.

Nas licenciaturas investigadas os professores apontaram alguns pontos referentes a essa transição. A defesa da ideia de totalidade começa a tomar corpo quando os professores verbalizam suas percepções a respeito do ensino: a necessidade de um processo contínuo entre educação infantil e ensino fundamental; a trajetória dos estudantes iniciantes do 6º ano do ensino fundamental; responsabilidade de todos os professores assumirem o estudante sem a culpabilização dos professores dos anos anteriores; conhecimento da área específica precisa ser trabalhado desde os anos iniciais da educação básica; a organização do ensino nos anos iniciais possibilita uma abordagem com a transversalidade; pensar a educação básica de forma sistêmica.

Para o Professor Mateus (Universidade 2), por exemplo, a sua experiência docente com estudantes da 5ª série aponta para a necessidade de focar no ensino do conteúdo de Geografia desde os anos iniciais de forma a compreender o processo da aprendizagem do estudante.

... a gente discutiu isso uma vez, e eu coloquei exatamente isso que eu falei da minha experiência, quando cheguei à quinta série e senti essa falta de cuidado na formação das séries [...] Sempre me preocupou isso [...] parecia que eles não tinham sido instigados nas séries iniciais (Professor Mateus)

O Professor João (Universidade 3) está envolvido diretamente com o trabalho da creche na universidade e traz uma leitura bastante próxima deste segmento. Sua experiência com os anos iniciais também parecem contribuir com para formar este ponto de vista. Ele relata:

A gente faz um debate muito grande com eles sobre essa entrada da geografia na escola [...]. Já neste momento a gente tem debatido que a geografia escolar não é uma geografia que começa hoje no 6º ano, tá certo? [...] A gente faz um trabalho diretamente com as escolas, com a educação infantil, certo? E aí com todos os segmentos envolvendo os alunos (Professor João).

Observamos que nas Universidades 2 e 3 os estudantes das licenciaturas em Geografia realizam estágios nos anos iniciais e têm um estudo sobre as diretrizes curriculares deste nível de ensino o que os aproxima da compreensão da escola básica.

Desta forma, ao partir da teoria como expressão da prática, analisamos o percurso de formação e experiência dos formadores e como eles concebem a articulação das licenciaturas com os anos iniciais da escola básica. Decorrente dessa análise evidenciamos resistências que geram movimentos de mudança pautados na experiência e visão de totalidade do ensino na Educação Básica.

5. Considerações finais

O presente estudo focalizou a articulação dos cursos de licenciaturas, com os anos iniciais da Educação Básica - educação infantil e primeira fase do Ensino Fundamental tendo em vista fornecer subsídios para o campo da formação de professores nas licenciaturas.

O estudo revela que existem movimentos internos aos cursos de licenciatura que buscam aproximar a formação inicial dos professores nas licenciaturas com a realidade e necessidades práticas dos anos iniciais da Educação Básica. Esses movimentos são gerados no campo da resistência da própria universidade, das instituições escolares, das relações entre professores e estudantes. Elas respondem a uma demanda gerada dentro da própria sociedade e produzem relações sociais de *tipo novo* uma vez que criam novas práticas, ainda que embrionárias, no processo de formação de professores.

Outro ponto fundamental para a produção dessas relações de *tipo novo* são as experiências do professor formadores diferentes momentos da sua vida que passaram a ser marcas para a construção da sua docência nas licenciaturas. Ao mesmo tempo em que expressam uma visão de totalidade do ensino na escola básica expressam uma concepção de ensino na busca de práticas conscientes e transformadoras da realidade.

Desta forma ao identificarmos cursos de licenciatura que realizam uma interlocução com a escola básica, analisar e compreender movimentos internos destes cursos vislumbramos possibilidades para a formação de professores nos cursos de licenciatura de diferentes áreas do conhecimento que

estabeleçam a articulação necessárias com a realidade da educação básica em seus anos iniciais.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, A. J. **Usos e abusos dos estudos de caso**. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006.

ARCE, A.; MARTINS, L. M. (Orgs.). **Quem tem medo de ensinar na educação infantil?**em defesa do ato de ensinar. Campinas, SP: Alínea, 2007. 218 p.

BERNARDO, J. **Depois do marxismo, o dilúvio**. In: Educação & Sociedade nº 43. Campinas: Papirus, dez. 1992, pp.393-412

BRUNO, L. **Acerca do indivíduo, da prática e da consciência da prática**. In: Educação & Sociedade, nº33. São Paulo: Cortez, ago. 1989.

CASTORIADIS, C. **A experiência do movimento operário**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. A (nova) política de formação de professores: a prioridade postergada. *Educ. Soc.* [online]. 2007, vol.28, n.100, pp. 1203-1230

GOODSON, I.F. **Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e seu desenvolvimento profissional**. In: NÓVOA, A. *Vidas de professores*. Portugal: Porto Editora, 2007.

MARTINS, P.L.O. A relação conteúdo-forma: expressão das contradições da prática pedagógica na escola capitalista. In: VEIGA, I. P. A (Org.). **Didática: o ensino e suas relações**. Campinas: Papirus, 1996.

NEVES, V.F. A.; GOUVEA, M. C. S.; CASTANHEIRA, M.L. **A passagem da educação infantil para o ensino fundamental: tensões contemporâneas**. *Educ. Pesqui.* [online]. 2011, vol.37, n.1, pp. 121-140.

PRATI, L.;EIZIRIK, M. F. Da diversidade na passagem para a quinta série do ensino fundamental. *Estudos de Psicologia*. Campinas, 23(3) 289-298. Julho - setembro, 2006

SANTOS, L. L. C. P.; VIEIRA, L. M. F. **"Agora seu filho entra mais cedo na escola"**: A criança de seis anos no ensino fundamental de nove anos em Minas Gerais. In: Educação e Sociedade, Campinas, 27 (96), 2006.

SANTOS, O.J. **Pedagogia dos Conflitos Sociais**. Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico. Campinas: Papirus, 1992.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros.**
Editoração eletrônica, 2009

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** 1 ed. 1987 - 15 reinpr. – São Paulo: Atlas, 2007.

WILLIAMS, R. **Palavras-chave:** um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Biotempo, 2007.